

## Liberdade e existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir

*Freedom and existence: the existing movements in Simone de Beauvoir philosophy*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Regina Viana<sup>1</sup> (UENF-Rio de Janeiro-RJ)  
[marciafil@globo.com](mailto:marciafil@globo.com)

**Resumo:** Para Simone de Beauvoir, é no mundo dado que estão repousadas as possibilidades existenciais que se realizam em cada indivíduo, no momento em que ambos, tanto o indivíduo quanto o mundo dado – considerado o berço da existência - são revelados em suas particularidades. Assim como existe no indivíduo a vontade primitiva de *querer ser*, de querer realizar-se como sujeito livre, são encontradas, no mundo dado, as possibilidades de realização, as quais urge revelar-se por algum projeto humano, já que estas possibilidades de realização só ganham sentido quando impregnadas de significação humana. A liberdade subjetiva pensada por Simone de Beauvoir é fundamentada na ideia de intencionalidade, que por sua vez, é sustentada pelos movimentos ontológicos em direção à confirmação desta liberdade. Quando o sujeito surge no mundo, surge em meio à ambígua situação de indivíduo em um mundo já dado - um sujeito em completa solidão mergulhado na alteridade própria da existência. Este estudo procura focar seus objetivos nos movimentos ontológicos que o sujeito precisa realizar para sustentar sua condição original de liberdade. Tal liberdade, por sua vez, repousa na ambiguidade da escolha que o sujeito pode realizar entre a demissão e a assunção da original condição humana de existir. Os movimentos do existir caracterizam os estados da existência que Simone de Beauvoir apontou como *transcendência* e *imanência*. A transcendência refere-se ao estado em que o sujeito supera o seu estado original, enquanto que a imanência diz respeito à não superação desse estado ou, em última instância, a um estado de não-movimento existencial.

**Palavras-chave:** Existência; Ontologia; Liberdade; Transcendência; Imanência.

**Abstract:** For Simone de Beauvoir, there are in the given world which the existentialists possibilities that realizes in each person in the moment that both, person and the given world – considered the existence's crib – are revealed in its particularities. In the same way that exists in the individual the primitive will of *wanting to be*, of wanting to self-realize like a free subject, is found in the given world the realization's possibilities, which are urgent to reveal themselves through any human project, but these possibilities just making sense when full of human meaning. The Simone de Beauvoir subjective freedom thought is founded in the intentionality idea, which is held by ontological movings towards the freedom confirmation. When the subject appears in the world, he appears among ambiguous situation of a person in a just given world – a subject in a hole loneliness, inside on his own alterity. This study is worry about the subject ontological moving needs to do in order to sustain its original freedom condition. Such freedom lays in the ambiguity of choice the subject can realize between the demission and assumption of original condition of existing. The existing moving is what Simone de Beauvoir had called as *transcendence* and *immanence*.

Transcendence refers to the sit whenever the subject overcomes its original sit, and immanence is no existencial moving sit.

---

<sup>1</sup> Bolsista PNPd/CAPES – Universidade Estadual do Norte Fluminense.

**Key words:** Existence; Ontology; Freedom; Transcendence; Immanence.

## 1. Considerações iniciais

Dentre as diferentes vertentes que o pensamento filosófico apresenta, a filosofia da existência se destaca por tratar a existência em si mesma como problema. Por *problema* considera-se a necessidade que o indivíduo tem de compreender tanto a si mesmo como a realidade que o envolve. Esta necessidade é tomada pelo existencialista como a única forma autêntica de dar sentido à existência individual e à inserção desta existência singular na existência comum, onde é percebida a presença de todos os outros seres. A filosofia existencial caracteriza-se, principalmente, por centrar *no* indivíduo a responsabilidade de sua realização. Desse modo, não aceita conceitos como *essência humana, absoluto e universal*, cujas noções pressupõem uma anterioridade à existência individual, como fundadores de seus preceitos básicos de busca à resolução de seus problemas.

No presente estudo, gostaríamos de mostrar os movimentos ontológicos que o sujeito precisa realizar para garantir sua condição original de liberdade e que esta liberdade existencial, pensada por Simone de Beauvoir, repousa na ambiguidade da escolha que ele pode realizar entre a demissão e a assunção da original condição humana de existir. A liberdade é um problema vivido subjetivamente e, muitas vezes, mostra-se revestida por uma “dissimulação” da verdadeira responsabilidade do indivíduo, que é aquela que sobrevém da capacidade de constituir-se livre e soberano. Às vezes, atribuir à alteridade funções que dizem respeito à própria conquista da liberdade de existir pode significar a não assunção de tais funções como possibilidades de desvelamento da própria liberdade, já que o sujeito é um existente imerso no *mundo dado*.

No pensamento de Simone de Beauvoir, são observados dois pilares fundamentais de sustentação: um positivo, que é a *assunção* da liberdade e um negativo, que é a *demissão* desta condição de ser livre. A trajetória humana constitui-se como resultado da dialética íntima entre estas duas escolhas que o ser pode realizar: constituir-se um sujeito livre ou demitir-se dessa

liberdade. O ser *é* quando é livre para ser. Entretanto, quando escolhe não ser, demite-se de sua liberdade, mas continua existindo, *sendo* alguma coisa.

Se houvesse a pretensão de se criar uma frase aproveitando a nomenclatura existencialista que tentasse resumir a filosofia de Simone de Beauvoir, poderíamos dizer que para ela “o ser humano é condenado à ambigüidade”. Em sua condição de liberdade em que surge no mundo, na qual o ser margeia sua constituição nos limites das possibilidades oferecidas pelo mundo, sua escolha sempre se fundará no ambíguo traço existente entre o *dado* e o *constituído por si*, entre a possibilidade de demitir-se ou assumir sua condição de sujeito livre. A ambigüidade beauvoireana assenta na situação existencial que todo sujeito experimenta, que é a de estar entre todos os existentes que constituem sua realidade e, ao mesmo tempo, ser um existente solitário. Nesta situação, ele deve escolher entre seguir as escolhas já realizadas por outros ou... realizar a sua própria.

Este estudo empenhou-se em entender o sujeito beauvoireano investigando sua *constituição ontológica* sustentada por sua *situação ôntica*. A expressão constituição ontológica faz referência ao processo de desvelamento do ser enquanto revelando o mundo dado e, através das possibilidades encontradas no mundo, constituir a si mesmo. A situação ôntica é a própria situação da realidade do indivíduo, constituída por sua facticidade. Esta reflexão conduzirá à noção de que o existente precisa confirmar-se livre constantemente para sustentar sua condição de liberdade. O existente resolve sua existência como sujeito soberano somente em sua condição original de surgimento no mundo dado, que é a liberdade. Veremos que esta liberdade é constituída de *movimentos ontológicos* que o sujeito empreende para revelar-se e que estes movimentos desvelam diante de si sua possibilidade existencial.

## 2. A questão da liberdade

Em *Pour une morale de l'ambigüité*, Simone de Beauvoir afirma que “querer a liberdade, querer desvelar o ser, é uma única e mesma escolha”.<sup>2</sup> Afirmar que o ser *quer* desvelar-se equivale a dizer que o ser deseja ser livre. O ser tem o desejo de querer desvelar a si e ao mundo porque esta é a única consistência real do ser, *o querer ser*. O ser em si mesmo não apresenta nenhuma consistência, a não ser através de seus projetos de querer-ser.

---

<sup>2</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Pour une morale de l'ambigüité*, p.114.

Assim, a existência subjetiva é constituída de movimentos do ser em direção à superação de si mesmo. Sem o constante movimento de superar-se através da possibilidade encontrada no mundo dado, o ser não encontra a possibilidade de desvelar-se enquanto desvela o dado do mundo (o objeto). Se não houver o desvelamento do ser no dado do mundo, seu desejo original de *querer ser* não encontra sustentação, e acaba por lançar o indivíduo sobre si mesmo, em um vazio de realização.

### 3. Os movimentos do existir

Simone de Beauvoir estudou os *movimentos* que o sujeito realiza para constituir-se soberano de sua existência. São movimentos oriundos de sua intenção de ser, que definem seu projeto e que, por isso, são chamados de *movimentos ontológicos*. Seu estudo mostra que o sujeito realiza-se como *transcendência* de si, que é o movimento de superação de um estado inicial. Esta superação é observada quando o ser *assume* seu estado original de liberdade e, então, realiza o ultrapassamento desse estado.

Outro estado descrito é a *imanência*, estado onde não se observa esta superação do estado inicial e onde se verifica a passividade ontológica, o não exercício da liberdade de constituir-se. A imanência pode ser resultado da opressão ou pode ser realizada como escolha, e acontece quando o ser *demite-se* de sua condição de sujeito soberano.

Esta caracterização de atitudes está relacionada ao modo como o sujeito realiza sua liberdade existencial que, por se tratar de um movimento ontológico, é constituído de momentos de intencionalidade. Segundo o sentido dado por Beauvoir, a transcendência está vinculada ao contínuo movimento subjetivo de superação do dado do mundo e lançamento de si ao novo, enquanto que a imanência é atribuída à ausência do movimento, à não realização do lançamento do ser em direção ao não constituído ainda, e então o ser *continua* a ser o que já está dado – o mesmo.

O ser almeja a superação do *mesmo* - situação de não desvelamento, originado pelo não movimento ontológico. É chamado de *mesmo* porque já está desvelado, já fez parte de um *projeto do sujeito* e por isso, não guarda mais a possibilidade de desvelamento. O mesmo levará o sujeito ao abismo do não-ser, que é o *não-movimento* e, por isso, o não-sentido de sua existência. O mesmo, ou seja, aquele dado do mundo já revelado pelo sujeito e que por isso,

esgotou sua possibilidade de desvelamento, não contém mais as possibilidades ontológicas que desvelam o ser, que é o que doa sentido à existência do sujeito. Por isso, o ser quer superar-se para não se perceber coincidindo consigo mesmo no instante além do instante atual.

O fato de ser livre dá ao sujeito a única possibilidade de superação do mesmo. O novo constantemente lhe seduz, porque sempre lhe apresenta novas possibilidades de sentido, uma vez que o passado não fica retido em seu instante atual. O instante passado é superado porque é o *mesmo*, não é novo e, por isso, é dissolvido pela inconsistência do nada. Em *Pyhrrus et Cinéas*, Beauvoir afirma esta idéia de inconsistência do instante passado da seguinte forma: “O que constitui o meu ser é, primeiramente, o que faço. Mas desde que já o fiz, eis que o objeto se separa de mim, me escapa”.<sup>3</sup>

Estar livre impele o sujeito a querer um projeto novo, a desejar este projeto por ver nele sempre uma possibilidade de felicidade que, para Beauvoir, tem o significado de realização ontológica. Segundo a filósofa, nenhuma posse é dada, mas a indiferença pelo mundo também não é dada. Antes de ser uma coisa, o indivíduo é espontaneidade que deseja, que ama, que quer, que age. O impulso da ação humana é o desejo de desvelar o ser que está contido na possibilidade oferecida no dado do mundo. Para Simone de Beauvoir, o desejo original de desvelar-se está impregnado de um natural estado de alegria. Originalmente, o ser quer desvelar-se e se compraz disso. Ela afirma esse estado de alegria original do ser em *Pour une morale de l'ambigüité*:

Todo homem se lança no mundo fazendo-se falta de ser; assim ele contribui para revesti-lo de significação humana, ele o desvela; e o mais deserdado experimenta às vezes nesse movimento a alegria de existir: ele manifesta então a existência como uma felicidade e o mundo como uma fonte de alegria.<sup>4</sup>

A ação humana é motivada pelo desejo do ser em desvelar-se, em lançar-se ao mundo e revelar-se na possibilidade de ser que o mundo dado oferece. Este desvelamento do ser, que acaba por defini-lo enquanto existente é, portanto, um movimento, cuja amplitude

---

<sup>3</sup> BEAUVOIR, Simone de. “Pyhrrus et Cinéas”. In: *Pour une morale de l'ambigüité*, p. 246.

<sup>4</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Pour une morale de l'ambigüité*, p. 60.

propicia as escolhas ontológicas, uma vez que tal movimento mostra as possibilidades de realização.

Entretanto, ao lado do fato de esta liberdade ser uma realidade, um dado existencial do humano, ela também precisa ser confirmada, o que significa que o sujeito só se mantém livre pelo movimento próprio em confirmar-se livre. A confirmação da liberdade é o movimento ontológico que o sujeito empreende e é constituído por dois momentos: o de desvelar-se e o de desvelar o dado do mundo, e, em várias passagens, Simone de Beauvoir afirma que o ser *quer desvelar o ser*. Dizer que o ser quer desvelar o ser e que isto equivale a dizer que o ser quer ser livre é falar de *intencionalidade ontológica*.

#### **4. A intenção de ser livre: os momentos ontológicos**

Debra Berghoffen, em seu livro *The philosophy of Simone de Beauvoir*, estuda este tema mostrando algumas peculiaridades do pensamento de Beauvoir sobre este conceito. Primeiramente, Berghoffen situa o pensamento de Beauvoir entre as noções de intencionalidade existentes a partir de Husserl, e pensa encontrar em *The Ethics of Ambiguity* (versão norte-americana de *Pour une morale de l'ambiguïté*), o encontro das vozes de Husserl e Hegel, e uma negociação entre as diferenças entre Merleau-Ponty e Sartre no que diz respeito a estas noções. Assinala que a definição de intencionalidade em Simone de Beauvoir acontece como expressão da compressão de dois momentos distintos: um momento que desvela o ser e um momento que identifica o “eu desvelado” com o “dado desvelado”. No primeiro momento, o sujeito desvela o sentido do ser, experimentando a si mesmo como liberdade de revelação. Percebe-se consciente da intersubjetividade do mundo dado como fundadora do sentido de sua existência. No segundo momento, o sujeito se apropria do sentido desvelado do ser, identificando-se com o (ser) dado e querendo ser o dado que revela.<sup>5</sup>

Sempre que Simone de Beauvoir se refere à intencionalidade do ser, ela utiliza a afirmação de que *o ser quer desvelar o dado e que o ser deseja revelar-se no dado do mundo*.

---

<sup>5</sup> Debra Berghoffen observa que, no relato beauvoireano do primeiro momento intencional, é possível encontrar ecos do pensamento de Husserl e Merleau-Ponty. O primeiro momento intencional é o desvelar-se ontológico motivado pelo desejo de desvelar-se, ideia que está relacionada tanto à intencionalidade husserliana quanto à fenomenologia de Merleau-Ponty. O segundo momento, que é a constatação da impossibilidade de ser o dado do mundo com a posterior confirmação de si mesmo, remete à ideia de consciência soberana, de Hegel e Sartre.

É sempre esta compressão de dois momentos, e ao descrever essa intencionalidade, Beauvoir acaba por realizar uma caracterização destes momentos. O primeiro momento é quando o ser desvela-se no dado do mundo, revelando sua espontaneidade. Esse momento é mostrado por Beauvoir como desejado e, por isso, envolvido por uma *alegria original*, uma vez que é a única possibilidade de realização ontológica. No segundo momento, o ser quer ser o dado desvelado e, por isso, é um momento marcado pela *angústia do fracasso* de não atingir essa realização, e também da tensão em afirmar-se como existente, mesmo ao perceber que não é o dado revelado.

A própria percepção da impossibilidade de ser o que não é afirma o ser como soberano em si mesmo, convertendo o fracasso de não ser o dado desvelado em sucesso pela confirmação de perceber-se um ser desvelado. E é neste lapso de tempo entre um momento e outro que ocorre a escolha ontológica entre afirmar-se ou alienar-se no dado. Mas, em seguida, o ser precisa retomar seu movimento de superação, uma vez que é quando se lança na empresa de desvelar a si e ao mundo que realiza sua existência. Em *Pour une morale de l'ambigüité*, Beauvoir o afirma:

Minha liberdade não deve buscar captar o ser, mas desvelá-lo; o desvelamento é a passagem do ser à existência; a meta visada por minha liberdade é conquistar a existência através da espessura sempre faltosa do ser.<sup>6</sup>

Segundo a perspectiva de Berghoffen, esses momentos intencionais, apesar de e por se confrontarem, são ligados e dependentes entre si. Contudo, uma leitura mais cuidadosa de Simone de Beauvoir pode revelar que a filósofa privilegia o primeiro momento intencional, que é o momento em que o ser é tomado pelo desejo de revelar-se. Nesse primeiro momento, o ser descobre-se existente querendo desvelar-se; é o que Beauvoir chama de um *tipo original de ser que é o querer ser*. Mas, além deste ser desejar ser e assim desvelar-se, e ele precisa desse desejo alegre que o atira ao novo, é preciso que ele confirme a si mesmo como existente para não se perder no desejo de ser o que não é, o que é feito no segundo momento de intencionalidade. Quando percebe o fracasso de não ser o dado, esse mesmo fracasso o remete

---

<sup>6</sup> BEAUVOIR, Simone de. "Pyhrrus et Cinéas". In : *Pour une morale de l'ambigüité*, p. 42-3.

à sua soberania ontológica ao confirmar sua existência, justamente por não ser o dado do mundo.

Assim, percebemos que discutir os movimentos do ser, nos leva inevitavelmente ao conceito de liberdade. Isto acontece porque este conceito, em Simone de Beauvoir, é completamente revestido pela idéia de movimento ontológico. Falar em ser livre, para Beauvoir, é falar de um ser que realiza o movimento intencional de desvelamento de si e do dado do mundo, o qual é composto de dois momentos intencionais.

Para Beauvoir, constituir-se sujeito livre, ou seja, realizar a escolha ontológica que desvela a si e ao mundo, só é possível num original estado de liberdade, que, por sua vez, só acontece mediante o movimento do ser em querer desvelar a si e ao dado do mundo.

A existência traduzida pelo pensamento beauvoireano é um empreendimento ontológico que precisa ser renovado a todo instante, pois todo movimento ontológico necessita da confirmação de sua liberdade. Se na atividade do ser existente não estiver implicada o movimento ontológico, estará contrariando à noção beauvoireana de liberdade.

## **5. A atitude de má-fé**

A *má-fé*, sob o ponto de vista beauvoireano, é originada de movimentos (ou não-movimentos) ontológicos contraditórios à noção de liberdade, uma vez que seria a interrupção do movimento de desvelamento do ser e do dado do mundo, porque o não-movimento do ser o aprisionaria em um dos momentos de sua intencionalidade.

*A má-fé surge da interrupção do movimento no segundo momento intencional.* Como visto, neste segundo momento, o ser deseja ser o dado do mundo e, quando percebe esta impossibilidade, afirma-se em sua própria existência, e com a alegria de desvelar-se (do primeiro momento), compraz-se em desvelar o dado. A *má-fé* seria a não confirmação da existência de si mesmo, e a insistência do ser em desejar ser o dado, isto é, identificar-se com o dado e, em consequência, interromper seu movimento de desvelamento de si e do mundo.

A partir do momento que o ser identificar-se com algum dado do mundo, ele perderá a principal condição de realização ontológica, que é o querer ser. Quando o ser se identifica com o dado do mundo, ele passa a ser esse dado, e isso paralisará seu movimento de constituir-se a partir do desvelamento de si e do dado e, como observado anteriormente, é

nesse momento que ocorre a escolha ontológica entre confirmar-se soberano ou perder-se no dado do mundo. Em resumo, agir de má-fé é interromper o livre movimento de desvelamento de si e do mundo dado, que constitui a intencionalidade do sujeito. A intencionalidade, por sua vez, é constituída por dois momentos intencionais: o querer desvelar-se e o querer desvelar o dado do mundo.

Ao desvelar a si, o indivíduo se encontra no mundo dado, e volta-se a este mundo para lhe desvelar o dado e, ao desvelar o dado, o ser encontra-se num momento de escolha: confirmar sua soberania de sujeito livre e retornar ao *nada* original, isto é, à condição inicial (de liberdade), quando ainda não foi feita a escolha, quando há apenas a intenção de querer ser. Essa condição original, esse *nada*, lhe possibilita o desvelamento de sua intencionalidade. Ou o sujeito escolhe ser o dado do mundo e identifica-se com ele, paralisando desta forma, o movimento de desvelamento de si e do dado, uma vez que seu ser já estará preenchido por essa identificação com o objeto (o dado), não acontecendo o citado retorno ao nada original. Retornar ao nada original é o movimento que lhe possibilita reiniciar o movimento ontológico de constituir-se.

A má-fé, assim como a liberdade, é uma possibilidade sempre constante na investida humana em existir. O ser é negatividade, isto é, é constituído pela falta de qualquer anterioridade ontológica que não seja a sua escolha em desvelar o mundo e que, por isso mesmo, retém em si a possibilidade de escolher os movimentos ontológicos para se realizar. O ser é negatividade porque em seu empenho em querer ser e querer desvelar o ser, nega identificar-se com o dado do mundo, senão seu movimento ontológico-existencial corre o risco de interromper-se. Beauvoir pensa o indivíduo como uma transcendência aberta ao mundo, e o que define sua atitude é a sua escolha ontológica, como mostra a seguir, na afirmação:

O homem não nos aparece como sendo essencialmente uma vontade positiva: [...] define-se previamente como negatividade, está inicialmente à distancia de si mesmo, não pode coincidir consigo senão aceitando o fato de jamais poder integrar-se. [...] Há no interior de si um perpétuo jogo do negativo; e por aí ele foge, escapa à sua liberdade. [...] faz parte da própria condição humana o fato de poder não realizar esta condição. [...] O jogo da má-fé permite parar em qualquer momento: pode-se hesitar em fazer-se carência de ser, recuar diante da existência; ou então afirmar-se mentirosamente como ser, ou afirmar-se como nada,

etc.[...] Todos os 'erros' são possíveis, já que o homem é negatividade; e são motivados pela angústia que o homem experimenta diante de sua liberdade.<sup>7</sup>

Aparentemente paradoxal, a negatividade apresenta-se como o modo do indivíduo confirmar-se como subjetividade livre. Se o sujeito não negar ser o dado do mundo, seu movimento ontológico paralisará na identificação de si com o dado, comprometendo o retorno de sua intencionalidade para o ser desvelado e, assim, o ser acaba por identificar-se com o dado. Quando isso acontece, o movimento ontológico é interrompido e, conseqüentemente, as escolhas de ser resumem-se na presumida escolha já realizada de identificar-se com o dado.

*Negar o ser dado* significa dizer que não pode haver para o sujeito livre qualquer possibilidade existencial cuja origem não tenha sido fundada por ele mesmo, lembrando que este ser que precisa ser negado é o dado do mundo. Negar o ser (dado) para afirmar-se livre está na raiz de seu retorno ao primeiro momento intencional. Somente se negar ser o dado do mundo, o sujeito continuará seu processo de desvelamento, que é justamente o que lhe garante a liberdade de constituir-se. Portanto, a negação da negatividade do ser (dado) é uma atitude de má-fé, pois é o mesmo que negar a liberdade do ser. Se for negada a negação do ser em identificar-se com o dado, este será obrigado a ser este dado, pois está sendo impedido de desvelar-se em seu próprio movimento ontológico de vir-a-ser.

## 6. Considerações finais

Através deste estudo, vimos que os movimentos do existir são os fundamentos da ideia de liberdade presente na obra de Simone de Beauvoir. Estes movimentos oferecem ao sujeito a escolha de demissão ou assunção de sua existência. A demissão parece se tratar de uma consequência da descontinuidade da confirmação subjetiva de liberdade existencial, observadas tanto na situação de opressão quanto no descomprometimento do existente com o envolvimento dado pela facticidade da existência, favorecendo de algum modo o desenvolvimento de certa acomodação por parte do sujeito em realizar a sua própria escolha. No prefácio de um livro de Jacob Needleman, *O coração da Filosofia*, existe uma definição de

---

<sup>7</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Pour une morale de l'ambiguïté*, p. 47.

filosofia que agora é lembrado para ilustrar esse pensamento: filosofia é o amor ao significado. Por analogia, e ousando transportar esta afirmativa para o existencialismo beauvoireano, diríamos que filosofia (ou dar sentido à existência) é o amor ao *desvelamento* do significado. Se o significado já for dado pelo conceito, a intenção subjetiva em desvelar o mundo e a si é desmotivado, e o amor em desvelar a si e ao mundo não encontra sustentação. Como a própria Beauvoir afirma, a intencionalidade original do ser é uma alegria que ele experimenta em querer desvelar o ser, e essa experiência se refere aquela que comporta uma existência compreendida nos movimentos ontológicos da liberdade.

Demitir-se de existir seria a atitude que o indivíduo toma em “aceitar a vida como ela é”, parodiando a máxima popular, e como a própria máxima sugere, acomodar-se em algum nicho existencial “pronto”. Por outro lado, assumir a liberdade é comportar-se de acordo com a idéia de que uma situação existencial estabelecida e acabada não é autêntica, uma vez que o humano é originalmente motivado pela intenção de desvelar e de superar o já desvelado.

#### **Referências:**

ABBAGNANO, Nicola. *Introdução ao existencialismo*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAIR, Deirdre. *Simone de Beauvoir: a biography*. New York: Simon and Schuster, 1990.

BERGOFFEN, Debra B. *The philosophy of Simone de Beauvoir: Gendered phenomenologies, erotic generosities*. New York: State University of New York Press, 1997.

DE BEAUVOIR, Simone. *L'Invitée*. Paris: Gallimard, 1943.

\_\_\_\_\_. *Pyrrhus e Cinéas*. Paris: Gallimard, 1944.

\_\_\_\_\_. *Pour une morale de l'ambigüité*. Paris: Gallimard, 1947.

\_\_\_\_\_. *Le Deuxième Sexe : Les faits et les mythes*. Paris: Gallimard, 1949. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Le Deuxième Sexe : L'Expérience vécue*. Paris: Gallimard, 1949. v. 2.

\_\_\_\_\_. *O segundo sexo: Fatos e Mitos*. 8.ed.. Trad. Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.

\_\_\_\_\_. *O Segundo sexo: A experiência vivida*. 6. ed.. Trad. Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Les Mandarins*. Paris: Gallimard, 1954.

\_\_\_\_\_. *Mémoires d'une jeune fille rangée*. Paris: Gallimard, 1958.

FULLBROOK, Kate; FULBROOK, Edward. *Simone de Beauvoir and Jean-Paul Sartre: the remaking of a twentieth-century legend*. Londres: Harvester, 1993.

HEINÄMAA, Sara. *Simone de Beauvoir's phenomenology of sexual difference*. *Hypatia*, v. 14, n. 4, p. 114-32, 1999.

KAIL, Michel. *Simone de Beauvoir philosophe*. Paris: PUF, 2006.

SIMONS, Margaret A. *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*. Pennsylvania: Pennsylvania State Press, 1995.

SIMONS, Margaret A., (Ed). *Simone de Beauvoir-Philosophical writings*. University of Illinois, 2004.

Data de registro: 14/05/2010

Data de aceite: 15/09/2010